

PEREGRINANDO AO ENCONTRO COM DEUS[♦]

Ir. Leocadia Mezzomo, mscs^{*}

1. Peregrinos na aprendizagem do amor

A pessoa humana, *homo viator*, por natureza é protagonista singular da própria história da salvação que se concretiza no dia a dia, independente do lugar geográfico que ocupa. História que se constrói mais facilmente na interação com outros sujeitos que interagem no concreto espaço-temporal que coube por desígnio da Providência a cada um. O meu mundo, nosso mundo, o mundo da Família Scalabriniana é, em especial modo, um universo em movimento rumo à terra prometida. Somos mulheres e homens que buscam realizar o sonho de um mundo de paz e fraternidade, com o coração e a mente transbordando de esperança, pois sabemos em quem colocamos nossa fé (cf. 2 Tm 1,12). Mulheres e homens capazes de aventura, às vezes ilógicas, própria de pessoas que foram e vão se tornando sempre mais membros da família de Deus e da família scalabriniana. Sujeitos que aprendem, com a ginástica de cada dia, a acolher e amar as filhas e filhos de Deus que povoam nossos espaços, que enchem nossos dias, desafiando-nos a amar, a desinstalar-nos, a abrir-nos ao diferente, a doar-nos e que assim, permeiam nosso mundo pessoal de entusiasmo, de admiração, de afeto e não raro, de preocupações.

Mulheres e homens consagrados, com profundas raízes no passado histórico-cultural, com pés na realidade e com o coração voltado para o futuro, tendo “os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus” (Hb 12,2).

Mas como o amor de Deus é a razão da vida, saber-nos amados de um amor indefectível, divino, incondicional, é suficiente para desejar viver para sempre com um amor terno e agradecido. Se faz lógico, então, que tomemos tempo para parar, escutar, contemplar o amor de Deus por nós. Todos peregrinos, todos capazes de gestos divinos, porque plasmados pelo divino engenheiro, porque feitos “a sua imagem e semelhança” (Gn 2,26). Pois, “O nosso Deus é um Deus que te ama e que te elegeu, um Deus que pede alguma coisa para o teu próprio bem: amar! É, portanto o amor que inspira os mandamentos. E não somente o amor inspira o mandamento, mas também te leva ao amor, porque te leva à união com Deus”¹. Sim, porque Ele idealizou o ser humano aberto ao transcendente, capaz de perceber-se amado por Deus e capaz de resposta de amor.

Amar! Tarefa divina num coração de carne: amar a todos como Jesus amou, amar cada um de modo real e criativo como Ele mandou (cf. Mt 22,37.39). Responsabilidade humana que não se leva a cabo sem Ele, como diz Jesus: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,15). E

[♦] Texto enviado pela autora ao CSEM, Centro Scalabriniano de estudos Migratórios em fevereiro de 2009 com autorização para ser publicado no site http://www.csem.org.br/artigos_port_espiritualidade2009.html

^{*} Mestrada em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Irmã Missionária Scalabriniana, membro da Diretoria do CSEM, Brasília –DF.

¹ BARSOTTI D. Meditazione sull'Esodo. Queriniana, Brescia, 1967, p.189.

que São Paulo sublinha como decorrência da própria experiência: “O querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo” (Rm 7,18). Realidade esta, comprovada por aquelas e aqueles que já trilharam longos caminhos neste mundo de Deus. Mas, a experiência da misericórdia com a qual Deus envolve sua criatura, é força especial que dinamiza a vontade e impulsiona à doação gratuita e, às vezes gratificante, num continuo recomeçar.

A ternura de Deus criador deseja de sua criatura a realização plenificante: “a vossa alegria seja perfeita”(Jo 16,24). Plenificação que, segundo a antropologia cristã, se dá realizando o mandamento antigo e sempre novo: “Amarás!” (Dt 6,5; Jo 13,34). Imperativo que exige dom total! Oferta de toda a vida! Holocausto de Amor ao longo de todos os dias feriais ou festivos! É por isto que precisamos, enquanto peregrinos, voltar sempre de novo, à fonte do amor.

“Aquilo que o Senhor te pede é somente este teu dom total, este fazer de toda a tua vida uma oferta, um sacrifício de amor” e, como diz Scalabrini, fazendo eco às palavras de S. Paulo: “Fazer-me tudo para todos, a fim de ganhar todos a Cristo” (1 Cor 9,22).

Estamos convictos que nas coisas que o Altíssimo espera de nós, sua graça é garantida: Deus dá o que ordena, dizem os homens de Deus! Ou então, como Agostinho que rezava: “Pede-me Senhor o que queres, mas dá-me a graça para realizá-lo! “Não é necessário temer, mas confiar, pois Iahweh combaterá por nós” (Ex 14,14). E como dizia o Apóstolo do catecismo: “Na escola de Jesus combater e vencer, é amar”.

2. Sombras e luzes da caminhada

Sempre peregrinas e peregrinos e frágeis, sempre de novo necessitamos de deixar-nos tocar pelo Amor, saciar de sua Palavra e da Eucaristia, alimentos por excelência para quem não tem nesta terra morada permanente (cf Hb 11,13). É no templo, outro modo de designar o encontro com o Deus de nossos pais, que somos purificados como “a prata no forno, o ouro no crisol, mas é Iahweh que prova o coração”(Prov 17,3). Deixar-nos sempre de novo purificar e provar pelo fogo do Amor, é a atitude própria de quem humildemente reconhece as falhas do caminho.

Assim, mais aptos a servir a Deus e ao próximo, apesar das nossas fraquezas e pecados... sempre muito aquém daquilo que deveríamos ser, mas dispostos a confiar; pois “Iahweh fará tudo por mim: Iahweh, o teu amor é para sempre!” (Sl 138,8).

Somos um povo não de perfeitos, mas de perdoadas e perdoados, um punhado de pessoas livres porque amadas, gente capaz de compaixão porque Alguém usou de misericórdia para conosco.

“Se alguma vez sentimos no coração o fogo da presença de Deus que arde sem consumir, que é refrescante como a neblina da manhã, que é suave como um floco de neve, que é refrescante como as chuvas de verão, doce como o favo de mel na boca, impalpável como o arco íris (...) continuemos a buscar “Aquele que é”(Ex 3,14)”², pois disto deriva grande fecundidade apostólica. Como dizia Scalabrini: “Ah! A oração, não a esqueçais nunca. É a

² SCOGNAMIGLIO, E. Il volto dell'amore e l'amore per il volto. Torino, 2005, p.63.

eficácia e a fecundidade da pregação evangélica. É a parte mais viva, mais forte, mais poderosa do Apostolado como ensina Jesus Cristo, soberano modelo de vida apostólica”³. Assim, mais aptos a servir a Deus e ao próximo, apesar das nossas fraquezas e pecados, sempre muito aquém daquilo que deveríamos ser, mas dispostos a confiar; “pois Iahweh fará tudo por mim: Iahweh, o teu amor é para sempre!” (Sl 138,8).

A condição de peregrino ensina a relativizar, sem dar-se conta, os percalços do caminho, pois o desejo de chegar e desfrutar o santo lugar, é como beber na fonte da salvação, o que muito suaviza as dificuldades do caminho.

“O lugar santo não é outra coisa que um espelho que te permite ver a parte mais profunda de ti mesmo, lá onde estas a sós com Deus e Ele está a sós contigo, numa relação assim íntima e total, que o vosso abraço vos permite ser “um só coração e uma só alma” (Ap 4,32) no qual cada um permanece totalmente si mesmo. É nesta intimidade que podes compreender que teu coração feito para amar, outra coisa não sabe que cobiçar; que as tuas mãos, feitas para doar, outra coisa não sabem que capturar; que os teus olhos feitos para admirar as belezas da criação, outra coisa não sabem que queimar de concupiscência...”⁴. Confiantes na fidelidade do amor de Deus, recorda-nos o Pai dos Migrantes: “Nas aflições, nos desânimos, nas disilusões, apertai ao coração a cruz que vos entreguei, e com a ênfase de um inteiro abandono nas mãos de Deus, elevando os olhos aos céus repeti: *fac me cruce inebriari!*” (Aos missionários, Milão, 10/06/1884)

E então, humildemente reconhecendo as dificuldades e falhas do próprio caminho, não resta alternativa que a de Pedro: “atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!” (Lc 5,8). E depois, prosseguir como Deus quer e que o profeta Miquéias assim formulou: “nada mais do que praticar o direito, gostar do amor e caminhar humildemente com o teu Deus” (Mq 6,8). É um grande programa de vida!

3. Um desejo de Deus mora nos recônditos da alma

A experiência de Deus, ainda que não totalizante, impulsiona desde o âmago aquele e aquela que reconhece agradecido/a a filiação divina e busca sempre de novo a plenitude beatificante que promana de Deus. O ‘filho de Coré’ (cf. Sl 63) é protótipo de toda pessoa sedenta de plenitude. No exílio longe do templo de Sião, o salmista expressa com imagens plásticas e muito luxuriantes o desejo do Deus de sua vida. Ele se põe sempre a caminho, pois decidiu em seu coração a “santa viagem”. O hagiógrafo do Salmo 84 nos apresenta uma exuberante mescla de motivações, de temas, de modos expressivos, que são, sem dúvida, o pálido reflexo daquela riqueza e beleza de sentimentos que borbulham no coração do romeiro que tem como meta estar na presença de Deus no templo. Também nós, sempre mais experientes das coisas de Deus, testemunharemos “Como Iahweh é bom, feliz o homem que nele se abriga” (Sl 34,9). Como scalabriniana(o), parece-me ouvir: “Que vossos paroquianos vos vejam com frequência diante do SS. Sacramento(...) que eles vejam, que vos aproximais de Cristo, antes de sair de casa, para implorar dele o auxílio e a graça e percebam que ao retornar, vos apresentais a Ele para agradecer-lhe”⁵.

³ SCALABRINI, uma voz atual, S. Paulo, Ed Loyola, 1989, p.435.

⁴ SCOGNAMIGLIO, E. Il volto dell’amore e l’amore per il volto. Torino, 2005, p. 63.

⁵ SCALABRINI, uma voz atual, S. Paulo, Loyola, 1989, p.177.

E, como peregrinas e peregrinos, é bom e necessário, sempre de novo, entrar no templo, contemplar o lugar sagrado com suas imagens e respirar a atmosfera espiritual, deixando-nos inundar e dinamizar pela força do amor eterno, como também corrigir e purificar com sua misericórdia.

“Busque o silêncio, a solidão e escute quanto desejo de encontro, de amor, de eternidade há em ti. Descubra Sua misericórdia! Adore a sua magnificência! Reverencie Sua presença, às vezes densa, palpável, pacificante! É a ação do Espírito que com os seus gemidos inexprimíveis, te faz sedento Dele. Capaz de desejar Deus, não a criatura, buscar o criador, não a criatura; aspirar não à luz, mas o fogo que inflama todo o teu coração e o imerge Nele”⁶. Mas o contrário também faz parte da caminhada dos mais amadurecidos na fé.

Quem já não viveu instantes como estes? Eu e nós todas e todos, certamente! Então para nós também é verdade: “Vi então um céu novo e uma nova terra (...) Vi também descer do céu, de junto de Deus a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para seu marido (...) Ele enxugará toda a lágrima dos seus olhos”(Ap 21,1-2.4). Entrar no ‘templo’ do próprio quarto, mas acima de tudo entrar no templo do próprio coração, é uma realidade, mas não raro, também um desafio! Silenciar para ouvir o toque suave do Senhor: “Eis que estou à porta e bato, se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20).

Todos os espaços sagrados são, nesta terra, uma imagem daquela pátria feliz que a alma tem saudade; celeste habitação que toda pessoa, no mais recôndito de si, deseja e espera ativamente, mesmo sem saber ou sem coragem de confessá-lo explicitamente.

Mortais que somos, “feitos pouco menos de um deus” (Sl 8,6) podemos, porém, experienciar o Transcendente que se deixa encontrar, o Imaterial que se encarna, o Eterno que se torna presente, o Imortal que morre para ressuscitar e que quer atrair-nos consigo para a eternidade. Assim a vida é Deus, está em Deus, é para Deus. É vida com Deus: um já e ainda não, próprio dos tempos escatológicos. E como dizia Ricardo de São Vitor: “Uma só gota das divinas consolações pode conceder aquilo que todos os prazeres do mundo não poderiam dar. Estes últimos não podem saciar o coração enquanto que uma só gota de doçura interior, que o Espírito Santo derrama na alma, leva-a para fora de si, liberta-a do egoísmo e concede-lhe uma santa doçura”⁷, o que facilita e dinamiza a ação contemplativa seja na dimensão vertical que na horizontal do Carisma Scalabriniano. O Beato Scalabrini dizia num discurso durante o III Sínodo, em Piacenza: “O que acontece quando em um momento propício Jesus fala à alma? Ela se consome de amor pelo desejo de encontrá-lo e brada: “eu sou para o meu dileto, e o meu dileto é para mim. A minha alma se derrete quando fala o meu dileto!”(II Sínodo, Piacenza, 1899). Que ardorosos são os santos!

4. Provai e vede como o Senhor é bom

O israelita devoto, o salmista, Jesus Cristo e todos os discípulos – por graça – são peregrinos desejosos de contemplar a face de Deus, porque já tocados, de alguma forma, pelo amor incomensurável do Deus trindade. Seres felizes na esperança de ser saciados

⁶ IGLESIAS, M. E. Ter Deus diante dos olhos. S. Paulo, Ed Loyola, 2002, p.73.

⁷ Citado por PHILIPPE J., em *Alla scuola dello Spirito Santo*. Bologna, EDB, 2007, p.21.

plenamente com a contemplação de seu rosto (cf. Sl 16,11), pois constituídos herdeiros pela graça sacramental que nos fez “filhos no Filho amado”(cf. 1 Jo 3,1-2) e “concidadãos dos santos e habitantes da casa de Deus”(Ef 2,19).

Peregrinos do Absoluto, pois também já vimos “Deus pelas costas” (Ex 33,23), sempre vigilantes para não conformar-nos com a mentalidade dos filhos das trevas, mas renovando nossa mente e coração para discernir a vontade de Deus, o que é melhor, o que lhe agrada, o que é perfeito (cf. Rm 12,2), vamos tecendo a história da salvação. Fazer momentos de silêncio, peregrinar para algum “lugar sagrado” não é uma simples fuga da realidade, como, infelizmente crêem alguns. O Apóstolo do Catecismo dizia: “Quem não tem necessidade que Deus lhe fale e lhe diga sinceramente ao coração aquela palavra que é mais cortante que uma espada de dois gumes e que penetra até o ponto de divisão da alma e do espírito?” (De Exectiis Spiritualibus, Piacenza,1876).

Caminheiros dos êxodos modernos, nos desertos habitados de um mundo em mobilidade, somos também necessitados de consolação e de nova motivação que nos faça empreender sempre de novo a vida como uma peregrinação. “A consolação espiritual impulsiona a buscar, ainda mais, a Deus e a sua vontade. Não é um simples sentimento prazeroso ou superficial. A sintonia de nossa vida afetiva com Deus presente é a prolongação de nossa íntima orientação para Deus. A consolação não é um sentimento egoísta, pois nos conduz para fora de nós, para amar e servir, para acreditar e confiar em Deus”⁸. Mas é também verdade que a experiência de Deus muitas vezes é noite escura, como ensinam grandes mestres espirituais. Perseverantes na busca, até sem nenhuma consolação sensível, sinal de maturidade na fé que já não precisam tanto de “leite espiritual (...) mas de alimento solido”(Hb5,13-14).

Nas lutas do dia a dia a consolação é uma experiência de encontro e comunhão com o próprio Deus trino, “o Deus de toda consolação”(2 Cor 1,3), fonte trinitária das águas vivas. Atrevo-me a dizer que a consolação é o encontro com Deus que nos visita, se deixa sentir, toca-nos interiormente e nos move em liberdade. Consolados, experimentamos que Deus é o rochedo (Sl 18,3; 95,1), que a vida de fé é um “construir sobre a rocha” (Lc 6,48), certas/os que “é na nossa fraqueza que se revela a sua força” (cf. 2 Cor12,9). Consoladas/os, desejamos anunciar: “provai e vede como o Senhor é bom, feliz o homem que nele se refugia” (Sl 34,9). Corroboradas/os com a força amorosa de Deus (cf. Cl 1,11), facilitaremos esta experiência aos filhos de Deus em mobilidade, perseverantes nos momentos de prova.

É bom, é sagrado o tempo que nos é dado para servir. É igualmente fecundo, e sumamente importante o tempo que nos é dado para intensificar a relação com o Deus três vezes santo (cf. Ap 4,8), com Deus que se fez peregrino em Jesus, o “Emanuel”(Mt 1,23), que prometeu e fielmente peregrina conosco (Mt 28,20). Momentos únicos porque realizados no único amor.

5. Quanto são amáveis tuas moradas

⁸ IGLESIAS M.E. Ter Deus diante dos olhos. S.Paulo, Loyola, 2002, p.73.

O nosso ‘humanum’ é, na verdade, uma realidade de glória e finitude. É surpreendente, porém, a experiência de intimidade divina vivida por homens como Moisés que falava com Deus “como um amigo fala com um amigo”(Ex 33,11), como Pedro e seus companheiros que na experiência da transfiguração do Senhor exclama:“É bom, para nós estarmos aqui” (Mt 17,4), ou como Scalabrini: “Aos pés do altar a alma esquece o mundo, as misérias da vida, pois onde está Jesus, não existe mais dor, porém alegria, até entre as mais amargas tribulações. Este é o lugar onde o fiel, no segredo de seu coração, ouve vozes misteriosas e suaves e onde sai com vivo desejo de retornar (...) onde acumula tesouros de forças sobrenaturais”⁹.

“Alegrei-me quando me disseram, vamos à casa do Senhor” (Sl 122,1). É saudades de estar na casa de Deus! Desejo intenso de reviver a experiência totalizante do encontro com Deus. “Mostra-me tua glória” (Ex 33,18), suplicava Moisés! E São Felipe insistia:“Mostra-nos o Pai e isto nos basta”! (Jo 14,8). E eu sinto e exprimo o desejo de Deus?

Em meio às areias movediças do deserto o povo do antigo Êxodo buscava proteção e consolo em Deus. Edificava altares, cantava e dançava ao Deus vivo, Senhor dos Exércitos (cf. Ex 15,20-21). São Paulo exorta, “sob a inspiração da graça cantai a Deus de todo o coração salmos, hinos e cânticos espirituais”(Col 3,16 cf. Ef 5,19). Convite ao louvor, à oração litúrgica das horas, que santifica o tempo e nos une entre nós e com Cristo no louvor ao Pai.

A fé que ‘arde no coração’ do caminheiro, seja no êxodo geográfico ou também na peregrinação mental e espiritual, se fundamenta na verdade incomparável do amor que Deus nos tem, e que desencadeia, como conseqüência lógica, a exigência peculiar de doação amorosa às irmãs e irmãos que estão a caminho. Assim é Deus, matriz e fonte de todo amor. São instantes de relação com o eterno que funcionam como motor secreto à impulsionar na busca da fidelidade a Deus e que dinamizam a capacidade de servir, amando até o extremo aquela porção de pobres que são os milhões de migrantes e refugiados deste milênio.

Deixemo-nos encontrar pelo Amor, para com Ele encontrar as irmãs e irmãos de peregrinação. Outra coisa não desejemos que viver Nele e testemunhar aos outros companheiras e companheiros de caminhada, como perceber o amor de Deus em sua vida e como, reconhecidamente, amá-Lo. Aqui ou lá, no segredo do “lugar sagrado” relativizemos o que é efêmero, os apegos passageiros, para encontrar o Amor que dura para sempre. Relativizemos tudo para encontrar o Tudo no qual a vida não tem fim: “Vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver estejais vós também” (Jo 14,3). Então com o salmista podemos declarar: “Minha carne e meu coração podem se consumir: a rocha do meu coração, a minha porção é Deus, para sempre!” (Sl 73,26).

Sempre de novo, alimentados com o pão da Palavra e da Eucaristia, viático nas estradas da história, com a docilidade de deixar-se guiar pela mão de nosso Senhor Jesus Cristo que todos amamos “com amor perene”(Ef 6,24), vamos realizando sempre mais aquilo que

⁹ SCALABRINI, una voz atual, S. Paulo, Ed Loyola, 1989, p. 26.

Deus quer: “É esta a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Ts 4,3). Para nós Scalabrinianas/os não pode ser diferente, pois assim também pensava o Bem-aventurado Scalabrini: “Sede santos e tudo florescerá em vossas mãos”(Carta a PE Alussi,26/8/1893). Os verdadeiros santos são apóstolos mais eficazes e a missão que lhe é confiada, se realiza. O apelo à santidade é permanente, pois esta é a nossa vocação e a condição para servir mais generosamente e com a alegria de coração ‘as filhas e filhos’ que Deus nos dá.

É o Espírito do Senhor que coloca no coração um continuo desejo de renovação. A incapacidade de renovar-se, a esclerose tradicionalista, o endurecimento do coração, são sinais de não fidelidade ao Espírito e de imaturidade na fé. Como poderíamos desta forma ajudar a outros? Exorta-nos Scalabrini: “Não vos deixeis arrastar pelo desejo doentio de ajudar aos outros, descuidando de vós mesmos”(Sínodo de 2.9.1879).

Confiantes na ação do Espírito que está operando, que chega antes de nós e que não cabe a nós semeá-lo, mas invocá-lo e, sobretudo reconhecê-lo, assessorá-lo, abrir-lhe caminho, segui-lo, colaboremos confiantes, “colocando-nos de joelhos diante do mundo para implorar, como uma graça, a permissão de fazer-lhe o bem” (Scalabrini a Bonomelli, 1896).

Determinante não é o espaço e o tempo que nos é dado, mas sim o pertencermos ‘ao partido dos migrantes’ e às pessoas que se encontram em mobilidade. Sim, isto é determinante para a vocação scalabriniana, mas que seja de coração livre, alegre e atento à Deus e à realidade com renovado compromisso de louvar, reverenciar e servir: “Tornai-vos imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5,1), pois esta é a vontade de Deus “ sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Santa Maria, mãe dos caminhantes, seja nossa companheira de caminho!

Prossigamos fazendo caminho com os demais romeiros nos quais Deus espera ser amado: acolhido, servido, consolado até o dia que soar para nós:“Vinde, benditos de meu Pai (...) porque eu era forasteiro e me acolhestes”(Mt 25,35). *Deo Gratias!*
